



A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO ENUNCIATIVO, ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO, NO ROMANCE *O MUNDO* E NAS CRÔNICAS DE *CUERPO Y* *PRÓTESIS*, DE JUAN JOSÉ MILLÁS

Fabricio da Silva de Oliveira

Orientadora: Magnólia Brasil Nascimento

Mestrando

RESUMO: No romance *O mundo* e nas crônicas de *Cuerpo y prótesis* assumem a enunciação dois sujeitos diferentes que se relacionam enquanto críticos da sociedade a que fazem referência. Outro traço em comum é que nos dois casos existe a ficcionalização da figura do autor Juan José Millás. Em *O mundo*, o narrador construído por Millás, além de reconstruir a infância e a adolescência e realizar um exame de si mesmo, aproveita a rememoração do passado para criticar o momento pelo qual passava a Espanha da pós-guerra e do governo fascista de Francisco Franco (1939-1975). O difícil período vivido pelo país se manifesta na representação do corpo, nas relações humanas e na situação econômica da população, comentada pelo crítico narrador. Nas crônicas de *Cuerpo y prótesis*, podemos pensar que os vocábulos que compõem o título do livro, “cuerpo” y ”prótesis”, são metáforas da relação do autor com a escrita tecnológica do eu (Foucault), já que confessa Millás, senti-la, às vezes, como uma prótese sua e outras como ele próprio sendo uma prolongação artificial dela. Nestes textos, constrói Millás o narrador cronista, uma espécie de divulgador científico, crítico da sociedade contemporânea, que se debruça sobre as notícias lidas nos jornais e

realiza uma *sobreescrita* (Gutiérrez) criticando como os avanços científicos-tecnológicos afetam os corpos, os saberes e as relações humanas. Esta investigação se centra, especialmente, na representação do corpo enfermo em *O mundo* e na presença do fenômeno pós-humano (Le Breton) nas crônicas, e, também, no aparecimento do monstro como metáfora do mal-estar do contexto histórico-social de produção das duas obras. Além disso, nota-se que uma certa tradição barroca reaparece nas obras manifestada no uso excessivo, isto é, distorcido da linguagem, nos estranhamentos, na cisão homem/corpo e no sentimento de (des)concerto do homem para com a vida e a ciência. Tomamos como noções críticas centrais a enunciação, a autoficção e o gênero crônica. (Bakhtin, Foucault, Alberca)

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito enunciativo - Autoficção - Crônica - Monstro – Barroco

Introdução

Juan José Millás ou Juanjo, como assim é chamado pelos mais íntimos, é um romancista e cronista espanhol. Considerado pela crítica como um dos maiores da literatura espanhola contemporânea, Millás nasceu em Valência, no ano de 1946. Oriundo de uma família pobre composta por nove filhos, já escreveu no decorrer de sua vida 18 romances, 12 livros de crônicas e 3 livros de relatos. Dentre as obras, as que tiveram mais êxito são: *Cerberos son las sombras* (1975), *Papel mojado* (1983), *La soledad era esto* (1990) e *El mundo* (2007). Por meio destas escritas e outras, conquistou o escritor além de prêmios literários, dos títulos de *doutor honoris causa* e teve a sua obra narrativa traduzida para 23 idiomas.

Como cronista, tem Juan José Millás uma importante coluna no jornal mais influente da Espanha, *El País*. Neste meio, Millás publica os seus “articuentos”, espécies de crônicas nas quais critica entre o real e o fictício temas antigos e atuais que ocorrem no país e no mundo e também as mudanças que os avanços científico-tecnológicos tem causado nos corpos, nos saberes e nas relações humanas. De forma irreverente, humorística e irônica, o escritor apresenta sua visão crítica da realidade e do noticiário por meio de uma escrita subjetiva, tomada de elementos literários, recriando a estética conceptista barroca e reafirmando, assim, o caráter fronteiro entre, o jornal e a literatura, do gênero crônica.

Diante disto, duas obras foram escolhidas para a investigação do sujeito enunciativo na escrita de Millás, são elas: *El mundo* (2007) (*O mundo*, em português, versão publicada em 2009) e *Cuerpo y prótesis* (2009).

O romance *O mundo*, segundo o escritor, nasce da solicitação que lhe faz o jornal *El país*, da escrita de uma reportagem sobre a sua vida com o objetivo de ser publicada como uma matéria jornalística. No entanto, confessa o escritor não conseguir escrever uma reportagem, mas sim, um romance, ao recordar um momento de sua infância junto de seu pai: “Não fui capaz de fazer a reportagem, acabava de ser atropelado por um romance” (MILLÁS, 2009a).

Já as crônicas de *Cuerpo y prótesis* foram reunidas pelo escritor em uma subdivisão de quatro partes: Parte I. Agujeros, Parte II. La espécie, Parte III. Construcciones, Parte IV. Temperamentos analógicos e Parte V. Extremidades. O que faz o cronista, nestes textos, é sobrescrever os assuntos publicados nos jornais, os temas comuns da sociedade, questões que acompanham o homem desde as antigas civilizações e que seguem presentes, hoje, no mundo pós-moderno, sem deixar de tratar da cultura contemporânea, dos tópicos da sociedade hipermoderna, tecnológica, pós-humana.

No entanto, é importante destacar que não se trabalhará, aqui, todo o livro, mas somente algumas crônicas do último capítulo, “Extremidades”, que serão apresentadas no interior do trabalho. Porém, isto não impede a realização de referências a textos de outros capítulos. A eleição de algumas crônicas do capítulo V foi feita porque atende melhor ao objetivo da investigação que é o de indagar a construção de um sujeito enunciativo que comenta os problemas contemporâneos. Por outro lado, interessa-nos em *O mundo*, a construção do narrador escritor que rememora o passado para reconstruir sua infância, relembrar a vida pobre do menino que foi, além de se posicionar também como um crítico da sociedade espanhola que retorna à década de 50, examinando e criticando como os acontecimentos da época afetaram os corpos, os saberes e as relações humanas. No livro de crônicas *Cuerpo y prótesis*, detemo-nos na construção do narrador cronista, crítico da sociedade atual que escrevendo crônicas, um gênero contemporâneo e fronteiro entre o jornalismo e a literatura, examina as mudanças do mundo atual que afetam também os corpos, os saberes e as relações humanas como no romance de caráter autobiográfico.

Ademais, subordinada à escrita de Millás, o objetivo é comentar também a presença do monstro como metáfora do mal-estar e a recriação da tradição “conceptista” do barroco espanhol nas duas obras. É perceptível a presença do medo, do estranhamento, do desconcerto e da insegurança que se manifesta como o monstro, aquilo que aterroriza, que causa o pânico no contexto histórico, social e político de escrita das obras e também o aparecimento de elementos da estética barroca como as figuras de linguagem - a antítese, o paradoxo, a hipérbole e a metáfora - os claros-escuros, o grotesco, a distorção da linguagem e o sentimento de (des)concerto do homem perante os acontecimentos da sociedade em que vive. Lembramos que o monstro é uma importante figura do barroco, inclusive do barroco espanhol, no qual colocamos, como exemplo, Polifemo, monstro da poesia lírica *Fábula de Polifemo y Galatea* (1999) de Luis de Góngora y Argote, que se apaixona por Galatea, a musa, uma beleza.

Análise da construção do sujeito enunciativo em *O mundo*

O romance *O Mundo* do escritor espanhol Juan José Millás (1946) foi publicado em 2007 e no mesmo ano contemplado com o prêmio Planeta. O escritor, considerado pela crítica como um dos maiores da literatura espanhola contemporânea, é um escritor de romances, contos, crônicas e relatos.

O Mundo, segundo o próprio autor, nasceu de uma reportagem solicitada pelo jornal espanhol *El País* para ser publicada como uma matéria jornalística. Desta forma, confessa o escritor que ao começar a se estudar, lembrou-se de um momento de sua infância junto de seu pai que o impediu de fazer a reportagem, mas o fez escrever um romance: “Não fui capaz de fazer a reportagem, acabava de ser atropelado por um romance” (MILLÁS, 2009a).

Desta maneira, no romance, o personagem protagonista, Juanjo, é nomeado pelo nome do escritor e como este, nasceu em 1946 na cidade de Valência. Quando tinha seis anos de idade, sua família emigra da cidade a Madri em busca de melhores condições de vida. Na cidade de Madri, a família, composta por nove filhos, quase que miserável, vai morar em um casebre alugado, localizado num subúrbio da cidade denominado Prosperidad. Porém, prosperidade era aquilo que a família de Juanjo não possuía. A família Millás era considerada a mais pobre da rua Canillas.

A narrativa de Millás é uma visão retrospectiva que faz o autor de sua infância e adolescência vivida na década de 50, período do primeiro franquismo. No entanto, não podemos afirmar que *O Mundo* é uma autobiografia, segundo os estudos de Miraux (2005), já que a obra é apresentada pelo próprio autor como um romance, portanto como uma ficção. O jogo com o nome do autor é uma das características do romance moderno e da literatura hipermoderna. Esta coincidência entre o Juanjo de *O Mundo* e o autor Juan José Millás nos leva a pensar no conceito de autoficção trabalhado por Manuel Alberca (2007) e Eurídice Figueiredo (2013).

Nesse contexto, vale destacar que já se tornou comum na literatura espanhola contemporânea, o surgimento de romances autobiográficos e/ou memorialistas que possuem como contexto histórico-social o período da guerra civil espanhola e da pós-guerra. Isto porque este período foi marcado pela repressão, pelo medo e silenciamento. Assim, temos como exemplos de relatos que se valeram deste jogo autoficcional: *El cuarto de atrás* y *Retahílas*, de Carmen Matín Gaité, *La lengua de las mariposas*, de Manuel Rivas; e *Autobiografía del general Franco*, de Manuel Vázquez Montalbán. Os dois primeiros romances assim como *O Mundo* também trabalham com a visão da infância.

Em *O Mundo*, romance motivador desta pesquisa, a visão do menino Juanjo registra não só o privado, ou seja, aquilo que acontece dentro de sua casa, junto de sua família e consigo mesmo, mas também o público, a vida dos vizinhos e amigos, os momentos na escola, na igreja, isto é, registra a sociedade onde vive e aí, em consequência, faz-se alusões a ditadura franquista.

Era de se esperar que Juanjo revelasse ao público, em suas páginas, uma visão ingênua da realidade, uma infância inocente e feliz que atendessem ao estereótipo de infância. Porém, não é isso o que acontece, em *O Mundo*, através das memórias do Juanjo adulto se nota que a visão do menino Juanjo registra um mundo de monstros e alucinações. Assim, chegamos à conclusão de que Juanjo é um ser em crise com a realidade em que vive, não só com a realidade exterior marcada pela cruel pobreza enfrentada pela família e pelos castigos físicos sofridos na escola, mas também com a realidade interior, realidade da sua própria existência, dele como um ser num mundo que lhe foi imposto.

Nessas circunstâncias, se muitos meninos no período da infância sonham em ser invisíveis, em Juanjo a invisibilidade é algo comum. Juanjo não quer ser invisível, ele se sente invisível. Além do mais, percebe-se no protagonista um problema de autoaceitação, o menino não se vê como um membro da família Millás: “Então pensava em mim mesmo sem nascer, levando uma existência fantasmagórica dentro da família” (MILLÁS, 2009a, p. 173).

Como afirma o crítico literário Ayuso (2001), o questionamento da realidade é uma constante na narrativa de Millás. Em Millás, segundo o estudioso, a existência é precária e a realidade é estéril e mutável. Com isso, para fugir desta existência e realidade precárias, o menino Juanjo recorre a elementos alucinógenos como as drogas (o éter e o cigarro), a doença (segundo o personagem, a febre é o elemento mais alucinógeno que existe) e também a literatura.

Diante disso, Juanjo vê o mundo e o interpreta através de suas alucinações. A visão que tem Juanjo das pessoas que vivem ao seu redor, familiares e amigos, não é uma visão realista, mas sim deformada pela alucinação. A mãe de Juanjo, personagem mais próxima do menino e por quem mais sente amor, é também uma personagem que o faz sentir o medo, o pavor. As crises de histeria que a personagem manifesta levam o menino ao pânico. O seu único e melhor amigo, Vitaminas, é um menino portador de uma doença irreversível que cedo o levaria à morte. Em consequência, não podia ir à escola e era rejeitado pelos outros meninos da rua. Vitaminas é um personagem marcado pelo mal, pela rejeição, pela invisibilidade e é com ele que Juanjo se identifica e compartilha momentos de sua infância.

A figura do pai de Vitaminas, Mateo, é outra personagem vista pelo menino através de sua alucinação. De acordo com Vitaminas, seu pai não era apenas o dono da venda de secos e molhados, mas também um agente da Interpol disfarçado, isto é, levava uma vida dupla. Logo, Juanjo desejava ser como Mateo, também ter uma vida dupla.

Além do mais, para os meninos Juanjo e Vitaminas, a morte não era o fim da vida, mas a mudança para o bairro vizinho, o Bairro dos Mortos. Nessa perspectiva, a morte era uma forma de fugir da realidade tanto que, para não ir mais à escola, o protagonista tentou se matar esperando ser infectado por tétano quando feriu o pé no prego que sustentava o seu velho sapato.

A partir destas observações, nota-se que assume a enunciação, no romance, um narrador que em um determinado momento de sua vida deseja recordar o passado, realizar um exame de si mesmo, falando das sequelas causadas pela difícil infância que teve como um menino espanhol da década de cinquenta frente à vida de escritor famoso em que se tornou. Além de falar do passado, o narrador reflete sobre o ato de escrever e sobre a sua relação com a escrita, fazendo do romance uma escrita sobre si e para si. Ademais, o narrador critica a sociedade pós-guerra fascista a qual fazia parte ao comentar sobre a miséria, o medo e a doença, isto é, sobre o mal-estar que circundava a Espanha da metade do século XX. Trata-se de um crítico contemporâneo que retorna ao passado com o direito de expressão que lhe é concebido com a instauração de um governo democrático que lhe possibilita criticar um período da história de seu país.

Ademais, verifica-se a presença do monstro¹ diante deste mal-estar que circunda a infância, adolescência de Juanjo. Vale destacar que o mal-estar, o sentimento de angústia, de medo e a cruel pobreza vivida pela família Millás não se restringe apenas a história do romance, mas eram compartilhados pela população espanhola da pós-guerra civil. O mal-estar na cultura espanhola proveniente dos males da guerra e da pós-guerra persiste até hoje. O monstro aparece no romance também através da doença, outro mal que circunda a vida do protagonista. Isto nos leva a pensar que o mundo de Juanjo é um mundo doente.

Além disto, nota-se também no romance a presença de uma certa tradição barroca através do pessimismo do protagonista para com a vida e a sua relação com a morte. Em um país considerado predominantemente católico, onde a religião cristã possui forte influência sobre a população, percebe-se um ofuscamento da mesma no romance. Deus em *O Mundo* está distante, como se não existisse, o que é típico do espírito moderno.

A própria visão que tem o menino dos outros personagens, a presença do monstro e das alucinações são elementos predominantes do barroco. Ademais, *O Mundo* apresenta uma linguagem simples, fluente, pouco rebuscada que apesar de distante do conceptismo da estética barroca espanhola compartilha: a hipérbole, os contrastes e o grotesco.

¹ Ler o artigo “O monstro humano”, de Foucault, presente: em WOLFGANG BONGERS. Literatura, cultura, enfermedad / Wolfgang y Tanja Olbrich; compilado por Tanja Olbrich y Wolfgang Bongers – Buenos Aires: Paidós, 2006.

É de extrema importância destacar que o barroco aparece também na frase constituidora do romance: “Olha, Juanjo, cauteriza a ferida no mesmo momento em que a produz”. É a partir da reflexão desta antítese dita pelo seu pai que Juan José Millás compreende o que é a escrita, o porquê de ser escritor e escreve *O Mundo*.

Análise da construção do sujeito enunciativo nas crônicas selecionadas de *Cuerpo y prótesis*

Juan José Millás comenta no prólogo de *Cuerpo y prótesis* que as crônicas reunidas no livro já haviam sido publicadas na coluna que possui no jornal *El país*, nos jornais do grupo Prensa Ibérica e na revista *Fano y El Paseante*. Além disso, escreve também que os textos estão organizados como um corpo, inclusive, o título da obra coincide com a última crônica que segundo Millás é a que mais gosta e a que serve para sinalizar sua relação com a escrita, uma relação de dependência, de necessidade e também completude “[...] às vezes a sinto como uma prótese minha e às vezes como um corpo do qual seria eu uma prolongação artificial, uma mão mecânica [...]” (MILLÁS, 2009b, p. 18)².

Apesar do escritor nomear os seus textos como artigos ou “articuentos”, consideramos, neste trabalho, como crônicas, pois se tratam de textos não muito longos publicados em jornais, que tratam dos diversos temas da sociedade, por meio de uma escrita subjetiva, própria de Millás, na qual recria a estética conceptista do barroco, e nascem da mescla entre o real e o ficcional. Inclusive, o próprio nome que dá o autor aos seus textos, “articuentos”, nasce desta mescla entre realidade e ficção, já que em “arti” (referência ao gênero artigo) está a função comentar, informar a realidade, e, em “cuento”, está o ficcional, o inventivo. Ademais, esses textos se caracterizam por algo que é muito típico da crônica, a hibridez de gêneros discursivos, sejam literários sejam de outros domínios, como a autoficção, a notícia e a reportagem.

Como já dissemos, as crônicas do livro de Millás estão divididas em quatro partes, ou seja, em quatro capítulos. Nestes textos, realiza o cronista uma sobrescrita (conceito do teórico porto-riquenho Julio Ramos trazido pelo mexicano Ismael Gutiérrez em “Manuel

² “a veces siento como una prótesis de mí y a veces como un cuerpo del que yo sería sino una prolongación artificial, una mano mecánica [...]” (MILLÁS, 2009b, p. 18).

Gutiérrez Nájera y la crónica como género de transición o la confluencia del periodismo y la literatura”), na maioria dos casos em primeira pessoa, das notícias publicadas nos jornais, dos temas comuns da sociedade, questões (próteses) que acompanham o homem desde as antigas civilizações e que seguem, até hoje, na atualidade, no mundo pós-moderno. No entanto, o escritor não deixa de tratar da cultura contemporânea, dos tópicos da sociedade hipermoderna. Assim, Millás *sobre-escribe* sobre os assuntos mais profundos que interessam ao homem atual, como a pobreza, Deus, a fugacidade da vida, a memória, a imaginação, a ambição, a alienação e as mudanças do mundo hipermoderno que afetam os corpos e os saberes.

Sabemos que apesar de selecionarmos um número restringido de textos, teremos a necessidade de referenciar outras crônicas do autor pertencentes a outros capítulos do livro. Nas crônicas selecionadas, o cronista examina as mudanças do mundo atual que consideram os corpos e os saberes, sendo que, o objetivo deste trabalho monográfico é o de analisar justamente como constrói Millás este sujeito cronista que critica a sociedade atual dentro do jornal que é de onde as narrativas do livro procedem.

As narrativas de Millás, como lido antes, são, em sua maioria, reformulações de notícias de jornais lidas por ele, o que chama Suarez de “columna-noticia” em seu artigo “Columna de opinión, microrrelato y articuento: relaciones transgenéricas”, publicado na revista de Letras e Ciências humanas *Insula*. No caso das crônicas selecionadas, estas são reelaborações de notícias publicadas nas páginas de divulgação científica, que tratam dos avanços da ciência e tecnologia. Sabemos que o jornal é um dos mais importantes meios de divulgação informacional da sociedade, tendo assim, muitos periódicos, seções destinadas aos assuntos científicos e tecnológicos. O jornal *El país*, espaço onde o cronista publica suas narrativas, é um bom exemplo de divulgador destas informações. No dia 21 de novembro de 2015, o periódico, em formato virtual, publicou uma notícia intitulada “Máquinas que veem como os humanos”, a qual comenta sobre a produção de robôs capazes de possuir a mesma atenção visual do homem, ou seja, o mesmo “[...] o conjunto de mecanismos evolutivos extremamente complexos em nível óptico e neuronal” que nos capacita eliminar os dados desnecessários do entorno e nos fixar no centro, naquilo que nos interessa. Na mesma página da notícia, um tópico abaixo do título intitulado “O humano do futuro dá medo”, leva-nos, caso acessado, a uma outra discussão do mesmo carácter temático da anterior, que comenta

sobre a evolução do homem e o seu estado atual e futurístico, o homem ciborgue, o pós-humano, tema muito discutido por Millás nas narrativas do último capítulo de crônicas.

Escolhemos como corpus para a investigação do sujeito enunciativo construído por Millás em suas crônicas o livro *Cuerpo y prótesis* publicado no ano 2000. No prólogo do livro comenta o escritor que as crônicas reunidas nesta obra já haviam sido publicadas na coluna que possui no jornal *El país*, nos jornais do grupo Prensa Ibérica e na revista *Fano y El Paseante*. Além disso, escreve também que os textos estão organizados como um corpo, inclusive, o título da obra coincide com a última crônica que segundo Millás é a que mais gosta e a que serve para sinalizar sua relação com a escrita, uma relação de dependência, de necessidade e também completude “[...] às vezes a sinto como uma prótese minha e a vezes como um corpo do qual seria eu não mais que uma prolongação artificial, uma mão mecânica [...]” (Millás, 2009b, p. 18).

As crônicas do livro de Millás estão divididas em quatro partes, ou seja, em quatro capítulos: Parte I Agujeros, Parte II La espécie, Parte III Construcciones, Parte IV Temperamentos analógicos y Parte V Extremidades. Nestes textos, realiza o cronista uma sobrescrita, quase todos em primeira pessoa, das notícias publicadas nos jornais, isto é dos assuntos da sociedade contemporânea e a partir de uma atitude mais ética e estética escreve também sobre os variados temas da sociedade: históricos, políticos, filosóficos, literários, científicos etc. Isto é, trata tanto de questões atuais como de questões (próteses) que acompanham o homem desde as antigas civilizações e que seguem, até hoje, presentes na atualidade, no mundo pós-moderno.

Nessa perspectiva, é importante destacar que não trabalhamos todo o livro, mas, somente seis crônicas do capítulo V “Extremidades”, são elas: “Verano 6”, “Primer amor”, “Un ruido”, “La mano tonta”, “¿De dónde?” e “Cuerpo y prótesis”. Nas crônicas selecionadas realiza o cronista uma sobrescrita de notícias e acontecimentos atuais que tratam do fenômeno pós-humano, ou seja, da visão contemporânea de corpo, do corpo invadido pela ciência (o corpo ciborgue), e o objetivo desta investigação é o de analisar justamente como constrói Millás este sujeito cronista que trata deste assunto, este eu crítico da sociedade atual.

Diante disto, a partir de nossas análises, notamos que nestas crônicas, constrói Millás um sujeito ficcionalizado em sua própria figura. Na maioria dos textos, um “eu” assume a

enunciação fazendo-se de narrador-protagonista, além disso, em alguns aparecem dados autobiográficos do escritor. Inclusive, muitas destas crônicas selecionadas como partem, como sinaliza Irene Andrés Suarez, de um acontecimento familiar ou de algo relacionado à vida do narrador para se centrar numa situação que afeta ao gênero humano. A primeira pessoa é assumida já no prologo do livro, espaço no qual o escritor reflete a criação da obra e sua relação com a escrita. O uso da primeira pessoa na crônica é uma estratégia que usam os cronistas para persuadirem os leitores de que a situação apresentada e a palavras do narrador são as do próprio autor, mesmo que não sejam (SUÁREZ, 2005, p. 26). Entretanto, mesmo que o autor se represente por meio de narradores ou personagens, a voz que opina é a sua já que uma das principais características do gênero crônica é a crítica por parte do autor de um acontecimento.

Sendo assim, percebemos que como uma espécie de divulgador científico se põe o narrador a comentar, criticar e refletir sobre as mudanças que os avanços científicos-tecnológicos causam nos corpos e nos saberes. Em “Primer amor” conta o narrador-protagonista que quando menino o seu primeiro amor não foi a sua primeira namorada, mas o braço de madeira que ela carregava no corpo, a sua prótese. No entanto, no mesmo capítulo escreve Millás três crônicas “Un ruido”, “La mano tonta” e “¿De dónde?” que tratam de um assunto comum “o transplante da mão de um cadáver em um senhor manco”. No início da primeira crônica “Un ruido” expressa o narrador o seu repúdio, o sentimento de assombro perante este transplante que para ele não se trata de um avanço médico, mas de um barulho, de uma onomatopeia, de algo que não pode ser real e nas outras crônicas segue criticando de maneira irônica e burlesca os avanços da mão artificial transplantada. No texto “Verano 6” é interessante observar a visão contemporânea de homem e corpo na fala do narrador quando na crônica comenta o narrador-protagonista ter sonhado como uma destruidora catástrofe no mundo onde sobravam apenas ele incorpóreo e a sua perna que possuía consciência e vida própria.

Nesse contexto, assim como em *O mundo*, analisamos especialmente a presença do monstro na sensação de mal-estar, no sentimento de medo e espanto representada no discurso do narrador causado pelos incontroláveis avanços científicos-tecnológicos que vem modificando não só os corpos e os saberes, mas também as relações humanas. No entanto, é

importante destacar que o que aterroriza é o que também, em outros momentos, ao narrador encanta, chamando atenção, assim, para o conflito em que o homem pós-moderno se encontra.

A presença do monstro, o narrador que se encontra em conflito, dividido entre o assombro e o encantamento que as mudanças causadas pela ciência e tecnologia acarretam estão de acordo com a recriação da estética conceptista barroca encontrada na escrita de Millás. As crônicas escolhidas apresentam uma linguagem simples, fluente e pouca rebuscada lexicalmente, até porque se dirige ao público em geral, que apesar de distantes do conceptismo barroco espanhol compartilham os diversos recursos literários como a metáfora, a hipérbole, os contrastes, o grotesco, a ironia e o humor.

Podemos pensar que o barroco aparece também na concepção da criação do livro já que as palavras que compõem o título “cuerpo” y “prótesis” são metáforas da relação do autor com a escrita tecnológica do eu, já que confessa Millás senti-la, às vezes, como uma prótese sua e outras como ele próprio sendo uma prolongação artificial dela. Não se pode deixar de comentar que corpo e prótese podem ser entendidos também como metáfora do corpo pós-moderno, pois como sinaliza o narrador na frase final da penúltima crônica do livro: “todos nós estamos um pouco transplantados, mas precisamos saber onde.”

Interpretação final: escritor e/ou cronista, um crítico da sociedade

A partir do que foi apresentado e discutido, notamos que tanto em *O mundo* quanto nas crônicas selecionadas de *Cuerpo y prótesis*, o escritor Juan José Millás se autoficcionaliza, para criticar a sociedade a qual faz referência. Em outras palavras, o escritor cria, entre a realidade e a ficção, narradores que se diferenciam pelo gênero em que atuam e pelos temas que discutem, mas que se assemelham quanto ao caráter crítico social.

Vimos que no romance, assume a enunciação um narrador que em um determinado momento de sua vida deseja recordar o passado, realizar um exame de si mesmo, falando das sequelas causadas pela difícil infância que teve como um menino espanhol da década de cinquenta frente à vida de escritor famoso em que se tornou. Além de falar do passado, o narrador reflete sobre o ato de escrever e sobre a sua relação com a escrita, fazendo do romance uma escrita sobre si e para si. Ademais, o narrador critica a sociedade pós-guerra

fascista a qual fazia parte ao comentar sobre a miséria, o medo e a doença, isto é, sobre o mal-estar que circundava a Espanha da metade do século XX. Trata-se de um crítico contemporâneo que retorna ao passado com o direito de expressão que lhe é concebido com a instauração de um governo democrático que lhe possibilita criticar um período da história de seu país.

Realizando o mesmo exercício, porém em um gênero que aponta para a atualidade, a crônica, assume a enunciação em *Cuerpo y prótesis* um narrador crítico da sociedade contemporânea que *sobre-escribe* sobre as notícias lidas nos jornais que tratam das modificações que os avanços científicos-tecnológicos vêm causando nos corpos, nos saberes e nas relações humanas. Em *Cuerpo y prótesis*, encontramos um cronista maduro e culto que se dedica a criticar por meio de um humor grotesco e irônico, típico da literatura espanhola, a sociedade a qual faz parte, na qual vive. O que faz o narrador é apresentar a sua visão sobre a civilização atual longe do objetivismo e da formalidade dos jornalistas e cientistas dando voz à crenças, sentimentos e sensações, muitas vezes, compartilhadas pela população. Assim, é comum encontrarmos na crônica de Millás, o deboche, o espanto, o encantamento, a surpresa, o medo, o riso e outras formas de expressão.

Não é estranho dizer que encontramos também em *O mundo* o compartilhamento destes sentimentos e sensações presentes nas crônicas. Do mesmo modo, também não podemos deixar de comentar que o romance também se caracteriza pelo humor grotesco e irônico do narrador e que ambas as obras compartilham a presença do monstro metaforizado e do sujeito enunciativo em conflito, o que nos faz concluir que isto não é por acaso. Juan José Millás faz parte de uma linha de escritores e artistas espanhóis que apresentam em suas criações fortes traços da tradição barroca, como, por exemplo, Ramón Gómez de la Serna, Pablo Picasso, Francisco de Goya e Lope de Vega. Vale destacar ainda, que por ser o barroco uma tradição muito presente na arte espanhola, ultrapassando séculos, o crítico José Marina se refere à tradição como se fosse uma doutrina chamando-a de barroquismo. Com isso, por meio de Millás, observamos a presença do barroco também no jornal, o que consideramos como instigante e inovador, já que leva o cronista à massa a complexidade, o rebuscamento e a engenhosidade desta tradição literária que estimula o pensamento, ativando o leitor.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. “O novo homem”. In: *Caminhos de João Brandão* (publicado originalmente no JB, 17/12/1967). Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- ANDRES – SUÁREZ, Irene. “Columna de opinión, microrrelato y articulo: relaciones transgenéricas (I)”. *Insula: revista de letras y ciencias humanas*, ISSN 0020-4536, N° 703-704, 2005, págs. 25-28
- AYUSO, César Augusto. Para un acercamiento a la literatura de Millás. Castilla. *Estudios de literatura*, ISSN 1133-3820, N° 26, 2001, págs.19-34
- BAJTIN, Mijail Mijailovich. *Las fronteras del discurso: el problema de los géneros discursivos: el hablante en la novela*. – 1ª ed. – Buenos Aires: Las Cuarenta, 2011
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção* / Euridice Figueiredo. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 246 p.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160
- GÓNGORA Y ARGOTE, Luis de. *Fábula de Polifemo y Galatea / Luis de Góngora y Argote*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1999. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcv11z4>. Acesso: 05-09-2015.
- GUTIÉRREZ, José Ismael. “Manuel Gutiérrez Nájera y la crónica como género de transición o la confluencia” del periodismo y la literatura. *Literatura Mexicana*, vol. 8, N° 2, 1997, pp. 598-623
- LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade* / David Le Breton; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- MANUEL ALBERCA, *El pacto ambiguo*. De la novela autobiográfica a la autoficción, Madrid, Biblioteca Nueva, 2007 [prólogo de Justo Navarro]. ISBN 978-84-9742-750-0.
- _____. 2012. Umbral o la ambigüedad autobiográfica. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación* 50, 3-24. Disponível em:
<<http://www.ucm.es/info/circulo/no50/alberca.pdf>>.
- MARAVALL, José Antonio. *La cultura del Barroco* – 11.ª ed. – Barcelona: Ariel, 2008.
- MARINA, José Antonio. *Elogio y refutación del ingenio*. Barcelona: Anagrama, 1992. pp. 282.



MARTÍN GAITE, Carmen. *El cuarto de atrás*. 11. ed., Madrid: Destino, 1996.

_____. *Retahílas*. 9. ed., Barcelona: Destino, 1995.

MILLÁS, Juan José. *O mundo* / Juan José Millás; tradução de Marcelo Barbão. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009a.

_____. *Cuerpo y Prótesis*. 2000. De esta edición: 2009b, Santillana Ediciones Generales, S.L.

MIRAUX, Jean-Phillipe. *La autobiografía: las escrituras del yo* – 1º ed. – Buenos Aires: Nueva visión, 2005.

RIVAS, Manuel. *¿Qué me quieres amor?* Editorial Alfaguara, 1996. 211 pp.

SANTAELLA, Lucia. “Pós-humano – Por quê?” *REVISTA USP*, São Paulo, n.74, p. 126137, junho/agosto 2007

SEL GIE KOH, El Juego de la identidad en la obra narrativa de Juan José Millás. Tesis doctoral. Madrid. 2011, pp. 485.

VÁZQUEZ MONTALBÁN, Manuel. *Autobiografía del general Franco*. Barcelona: Planeta, 1992.

WOLFGANG BONGERS. *Literatura, cultura, enfermedad* / Wolfgang y Tanja Olbrich; compilado por Tanja Olbrich y Wolfgang Bongers – Buenos Aires: Paidós, 2006.

ENTREVISTAS

Entrevista a Juan José Millás,

<http://www.marie-claire.es/entrevista-a-juan-jose-millas>, 17/11/2008.

<https://www.youtube.com/watch?v=yAKBKKI8ofQ>

Rabí do Carmo, Alonso, *Entrevista con Juan José Millás, ganador del premio planeta 2007, Los viajes interiores*, <http://www.elcomercio.com.pe/edicionimpresa/Html/2008HYPERLINK> "http://www.elcomercio.com.pe/edicionimpresa/Html/2008-05-18/los-viajes-interiores.html"05-18/los-viajes-interiores.html, 20/08/2015.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Juan José Millás, Premio Nacional de Narrativa con su novela <<El Mundo>>, Disponível em: <<http://www.abc.es/20081013/cultura-literatura/juan-jose-millas-premio-200810131308.html>>.



La Venus del espejo. Disponível em:

<http://www.biografiasyvidas.com/monografia/velazquez/cuadros24.htm>.

Máquinas que veem como humanos. Disponível em:

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/tecnologia/1447412293_267278.html

O Brasil dos livros. Disponível em: <http://www.abdl.com.br/noticias/index.php?noticia=296>

O que foi o Movimento de Maio de 68 na França? Disponível em:

<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-foi-o-movimento-de-maio-de-68-na-franca>.

O homem do futuro dá medo. Disponível em:

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/14/ciencia/1444816379_988339.html